

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE II – DEPOIS DA REVOLUÇÃO
23 de Março de 2023

ZAMANI BARAYÉ MASTI ASBHA / 2000

Um Tempo para Cavalos Bêbedos

um filme de Bahman Ghobadi

Realização, Argumento: Bahman Ghobadi / Direcção de Fotografia: Saed Nikzat / Montagem: Samad Tavazoe / Som: Mehdi Darabi, Mahmood / Música: Hossein Alizadeh/ Interpretação: Ayoub Ahmadi (Ayoub), Rojin Younessi (Rojin), Amaneh Ekhtiar-dini (Amaneh), Madi Ekhtiar-dini (Madi), Kolsolum Ekhtiar-dini, Rahman Salehi, Osman Karimi, Nezhad Ekhtiar-dini e os habitantes de Sardab e Bané.

Produtor: Bahman Ghobadi Films (Irão, 2000) / Direcção de Produção: Omid Rastbin / Cópia: em 35mm, cor, falada em curdo e em persa, legendada em francês e electronicamente em português / Duração: 80 minutos / Primeira Apresentação Pública: Maio de 2000, Quinzena dos Realizadores, Festival de Cannes / Título inglês: “A Time for Drunken Horses” / Estreia em Portugal: 29 de Junho de 2001, Cinema King / Primeira exibição na Cinemateca.

Um Tempo para Cavalos Bêbedos foi pela primeira vez mostrado na Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes, onde ganhou um prémio, o que lhe garantiu ampla circulação internacional, incluindo a distribuição comercial em Portugal. Trata-se da primeira longa-metragem de Bahman Ghobadi, cineasta curdo-iraniano que o realizou com trinta e dois anos, depois de várias curtas-metragens produzidas sobretudo em regime de autoprodução e **Um Tempo para Cavalos Bêbedos** não foi excepção. Nascido em Bané, no Curdistão Iraniano em 1969, Ghobadi começou por se envolver inicialmente com outros cineastas amadores, com os quais produziu as primeiras obras, mas um pouco antes de **Um Tempo para Cavalos Bêbedos** trabalhou também como assistente de realização de Abbas Kiarostami em **O Vento Levar-nos-á** (1999), aspecto que é frequentemente citado. A grande escola deste filme foi assim o seu trabalho anterior entre o qual a curta-metragem **Zendegi dar meh / “Life in Fog”** (1998), que abordava já a mesma realidade do contrabando realizado por crianças muito pobres nas montanhas do Curdistão e que envolvia vários dos miúdos deste filme. E se depois da colaboração em **O Vento Levar-nos-á** a associação com Kiarostami se tornou inevitável, sobretudo para a crítica ocidental menos familiarizada com o cinema iraniano, em várias entrevistas Ghobadi insiste na especificidade do seu trabalho.

Ghobadi filma um povo e uma terra que conhece bem, pois nela nasceu e cresceu, optando por basear a sua história em acontecimentos reais, depois de estudar de perto a vida das famílias que retrata, que recriam grande parte as suas vidas frente à câmara. Numa entrevista, Ghobadi falará de 70% de recriação e 30% de ficção. Acrescente-se

ainda que **Um Tempo para Cavalos Bêbedos** é uma das primeiras longas-metragens iranianas faladas e curdo, idioma banido das escolas do Irão em 1940 por motivos políticos, o que por si só é um feito. Falado em curdo e centrando-se nas grandes dificuldades sentidas por parte do povo do Curdistão iraniano, **Um Tempo para Cavalos Bêbedos** contém uma inequívoca mensagem política, que o realizador procurava amenizar constantemente no seu discurso, muito provavelmente para contornar a censura de um regime que, se ao permitir a existência do filme, revelava alguma abertura face a anos anteriores, muito condicionou a liberdade do cineasta e muito ainda a condicionará. Considerado por muitos como o “o pai do cinema curdo”, algum tempo depois Ghobadi seria forçado a deixar o Irão.

Os protagonistas da história de **Um Tempo para Cavalos Bêbedos** são cinco irmãos órfãos de origem curda, abandonados à sua sorte depois da morte do pai, um deles muito doente e portador de uma deficiência grave, que exigia uma operação muito cara para poder viver mais algum tempo (situação que correspondia sensivelmente ao estado de Madi na vida real). As crianças vivem numa pequena aldeia nas montanhas do Curdistão, na fronteira do Irão com o Iraque, e Ayoub, o mais velho, que assegura a subsistência dos restantes, dedica-se a todo o tipo de trabalhos, incluindo o transporte de pesadíssimo contrabando por entre perigosas montanhas com o intuito de poder pagar tal operação. O título escolhido para o filme enfatiza a dureza da realidade retratada pois, como revelou Ghobadi, “durante o filme, dei-me conta que, paralelamente ao sofrimento dos contrabandistas, que têm de enfrentar as montanhas cheias de neve e os perigos, os animais também sofrem muito. Para que possam suportar simultaneamente o frio e os fardos excessivamente pesados, dão-lhes whisky. Ficam, portanto, num estado de embriaguez involuntária.” Embriaguez que revela os excessos a que diariamente são submetidos também aqueles homens e crianças, que transportam pesos gigantescos às costas por caminhos impraticáveis.

Optando por um argumento escrito com a colaboração dos “actores amadores” com quem filma, Ghobadi afasta-se do documentário e opta pela ficção, mas a atitude documental está bem presente em todo o filme e no seu realismo exacerbado. Realismo expresso nas personagens e na relação que emana entre elas, mas também na forma como são retratadas na sua relação com os espaços filmados por uma câmara dotada de grande mobilidade, num lugar em que a inclemência da realidade contrasta com a resistência das crianças, que simbolizam a luta e uma força intrínseca contra o mundo e todas as adversidades. Pensemos na perseverança de Ayoub ou no gesto sacrificial da sua irmã, que casa com um homem iraquiano como moeda de troca para o pagamento da referida operação, que acaba por não acontecer. Ghobadi quebra um tabu ao retratar com tamanha crueza as adversidades enfrentadas pelos curdos no seu quotidiano, ao mesmo tempo que nos devolve um sensível retrato de uma jovem geração protagonizado por excelente “actores”, investindo em realismo (e em realidade) o que outros trabalham ao nível da metáfora. Quando perguntaram a Ghobadi o que aconteceu às crianças depois do filme, este respondeu: “elas esperaram pelo regresso da neve para poderem recomeçar a trabalhar (...).”

Joana Ascensão